

RUA ALVARO VILAGELIN

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945

Aprovado pela Resolução nº 2.069 de 1945, do Conselho Administrativo

Formada pela antiga rua Quatro da Vila Marieta

Início na rua Moraes Navarro

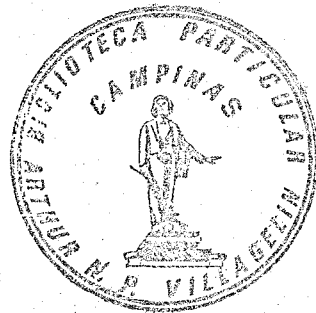
Término na rua Leopoldo Amaral

Vila Marieta

Obs.: O decreto 94/45 revogou o decreto 92/45 e ambos foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O Decreto-Lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá.

ALVARO VILAGELIN

Alvaro Villagelin nasceu em Campinas aos 20 de março de 1902 e faleceu em sua terra natal em 19 de maio de 1932, sendo filho de José Villagelin Junior e de d. Josefina Rodrigues Villagelin. No 1º Grupo Escolar, hoje "Francisco Glicério", aprendeu as primeiras letras. O curso ginásial ele iniciou no Instituto "Cesário Mota", não chegando a concluir os estudos do ciclo secundário, no entanto. Para não fugir à regra, continuou à tradição da família, jornalistas por parte de pai (Villagelin) e mãe (Sarmiento). Iniciou, pois, seus primeiros passos na imprensa ainda moço, bastando salientar que, quando desapareceu, aos trinta anos de idade, já era considerado "veterano" no seio do jornalismo. Foi revisor, noticiarista e reporter. Um reporter vivo ágil, atilado, talentoso. Passou pelo "Diário do Povo", "Gazeta de Campinas", "A Platéia" e pela sucursal de "O Estado de S. Paulo". Deixou, na sua passagem pelos jornais acima, marcas indeléveis de sua inteligência, como também, de sua magnanimidade. Foi humorista fino e poeta de grande sensibilidade. Sua presença tornou-se imprescindível nas festas e reuniões da sociedade campineira. Exerceu o cargo de amanuense, atual escrivão, na Delegacia Regional de Polícia. No ambiente policial, nos contatos diários com marginais e os párias da sociedade, ficava amargurado e triste com tanta desgraça e pobreza e injustiça. Tinha um coração magnânimo, era de uma bondade extrema. Quando de sua morte, o brilhante jornalista Gustavo Stuart, dentro do seu romantismo, escreveu: "Em noites que os tempos se incumbiram de levar criei com Alvaro Villagelin um ambiente morno de confidências, onde os sonhos de cada um tinham muitas vezes algumas lágrimas como pontos de reticências... E era nesse momento desconfortante, que êle, boêmio, sentimental, trasladava toda a amargura de seu sonho inatingível para o campo vasto e piedoso da alegria. E contava "casos" para rir... enquanto chorava o coração!" Alvaro Villagelin viu-se na contingência de participar do levante militar de 1924, em São Paulo.



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939, DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BAIXO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ BALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguiana;

RUA BAIXO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguiana;

RUA DIGNA OLIVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Raulfo Sales;

RUA ALVARO VILAGELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Raulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

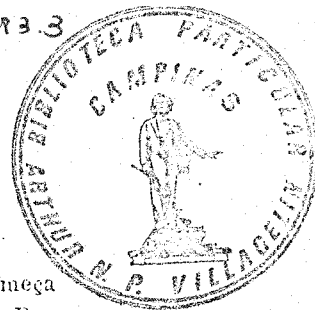
RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUARIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bieudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapedão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmiento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISIÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lina e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guaranabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambui, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambui, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retorno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Palmeiras);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVÉRIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CÁSSIANO CONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SENNA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NEKI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Mala;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Erclia, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro. (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANDORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Faço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

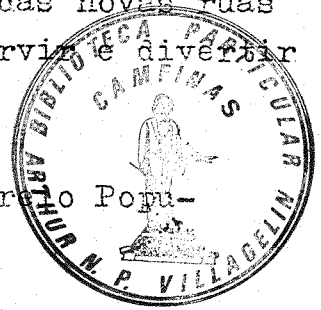
Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA

"O VALOR DOS HOMENS NÃO SE MEDE PELO CRONOMETRO"

A homenagem à memória do saudoso jornalista Alvaro Vilagelin, pres-
tada pela Comissão incumbida de sugerir denominações das novas ruas
e praças de Campinas - Uma criatura que viveu para servir e divertir
os outros - Um poeta na revolução de 24.

(Extraído de fls. 3, do jornal "Correio Popu-
lar" de 10-janeiro-1945)



A Comissão Especial do Centro de Ciências, Letras e
Artes de Campinas, constituída pelo dr. Celso da Silveira Rezende,
prof. Celso Ferraz de Camargo e João Batista de Sá, incumbida pela
Prefeitura de elaborar um parecer sôbre denominações das novas ru-
as e praças da nossa cidade, parecer esse que já foi entregue ao Sr
Prefeito Municipal, nas sugestões que apresentou não se esqueceu de
de um jornalista e o nome de Alvaro Villagelin é também indicado pa-
ra uma das novas vias públicas. Trata-se de uma justa homenagem à
memória desse moço que através de sua pena privilegiada muito fez
por Campinas, impondo-se à estima e à admiração de todos. Fundamen-
tando a indicação em aprêço, escreve a Comissão no seu brilhante pa-
recer:

- "Alvaro Villagelin, filho do professor e jornalista
português José Villagelin e de d. Josefina Rodrigues Villagelin, nas-
ceu em Campinas a 20 de março de 1902. Fez os seus primeiros estudos
no 1º Grupo Escolar, hoje Francisco Glicério e deu início aos secun-
dários no Instituto Cesário Mota, onde seu pai lecionava matemáticas
e do qual era vice-diretor.

Espirito vivo e brilhante, Alvaro Villagelin não termi-
nou, entretanto, os estudos isagônicos. Foi atraído, logo, pela vida
de imprensa. Aliás, era natural nele, essa atração. Ele pertencia,
por ambos os lados, a uma família de jornalistas e esse impulso irre-
sistível não era mais, nele, que a influência cega, mas fatal, do a-
tavismo. Com funções várias, como reporter, noticiarista, revisor,
etc. fez parte das redações do "Diário do Povo", "Gazeta de Campinas"
e da sucursal de "O Estado de São Paulo" em todas elas deixando tra-
ços indeléveis do seu talento e do seu gênio expansivo e alegre.

Feitos os 21 anos em 1923, é chamado às fileiras do E-
xército, sendo destacado para servir no 2º Grupo de Artilharia de Mon-
tanha, de Jundiaí. Em 1924, surge o movimento subversivo chefiado pe-
lo general Isidoro Dias Lopes. O seu batalhão, sob o comando do Ten.-
Cel. Olinto Mesquita de Vasconcelos, adere a esse movimento e eis Al-
varo Villagelin em marcha para São Paulo, para ir por em prática o
que aprendera, isto é, matar e destruir. E, o que era pior, ia matar
irmãos e destruir o que era nosso. Foi a segunda dolorosa decepção
de sua maioridade.

Mas, era soldado. E embora tivesse a alma cheia de dor e o coração repleto de amargura, teve que cumprir o seu dever. Dessa época tormentosa são os seus sentidos e lindos versos à Santa Teresinha, pois ele, além de jornalista, era delicado e fino poeta.

Terminado o serviço militar, retorna à vida de imprensa em sua terra natal, para não mais a deixar. Exerceu o cargo de amanuense na Delegacia Regional de Polícia. No ambiente policial, iria Alvaro Villagelin encontrar novamente motivos de dor e sofrimento moral. Certa feita o encontraram triste e pensativo, o que era raro na aquela alma que parecia somente viver para a alegria. A explicação desse seu estado, não tardou. A polícia, no intuito de perseguir de perseguir a jogatina vinha prendendo operários que se distraiam a jogar cartas, em botequins ou armazéns, após o jantar. Alvaro Villagelin pensava que enquanto esses operários eram identificados como vagabundos, os "gros bonets", de colarinho alto e gravata de seda, perdiam as noites e contos de réis nos clubes e ficavam impunes. Essa injustiça o entristecia e revoltava, mas ai dele!... - era parcela da autoridade pública e nada podia fazer.

O fundo bom do seu caráter, fazia-o sempre estar apto para servir aos outros, mormente quando se tratava da caridade pública. Por esse motivo, era figura indispensável em todas as festas de caridade que se realizavam em Campinas. O seu humorismo, a sua verve, a facilidade e a graça para as paródias, o seu pendor para o teatro, faziam-no triunfar nelas. Esse Centro, mesmo, o teve, diversas vezes, em suas tertúlias.

Coração bondoso e afetivo. Mas na sua afetividade, o traço marcante era o entranhado amor filial que mantinha pela sua mãezinha, a qual, até hoje, chora a sua perda.

Alvaro Villagelin, que tão precocemente desapareceu dentre nós, aos 30 anos de idade, pois faleceu em 19 de maio de 1932, já era uma realidade magnífica. como jornalista e como poeta e, mais ainda, era uma promessa alviçareira para o futuro.

Moço morreu Alvaro Villagelin, antes que o seu talento tivesse desabrochado por completo. Mas, o que deu de si, já bastou para definir-lhe a personalidade.

Esta Comissão que, em 1938, já alvittrara o seu nome, para uma homenagem desta ordem, está na obrigação moral - perante a opinião pública e perante si mesma - de o recomendar, novamente, à sanção da Prefeitura. O fato dele ter morrido moço pouco importa. Felizmente, o Poder Público em nossa terra, jamais se serviu do cronometro para, por ele, medir o valor dos homens."



IA TRINTA ANOS

CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA

O "Diário do Povo", no dia 20 de Março de 1930, publicava:

os seguintes os resultados da extração da Loteria Federal: — 9.199 — 1615 — 6278 — 0809 e 0553.

ALVARO VILLAGELIN

Naquela data festejaria a sua data natalícia, o sr. Alvaro Vilagelin, escrivão da Delegacia Regional de Polícia de Campinas, e nosso colega do "O Estado de São Paulo". Pena vibrante, Alvaro Vilagelin, fora redator chefe do "Diário da Tarde", tendo colaborado por longo tempo na "Gazeta de Campinas". Por algum tempo emprestara também o fulgor do seu talento à nossa folha, tecendo tópicos excelentes, cuja moderação e critério eram reunidos por ele em forma elegante, graciosa e agradável. Fino humorista numa roda de amigos era de franca cordialidade, onde reinava sempre o seu espírito alegre, expansivo, leal e amigável. Vilagelin não tinha tristezas. Coração extremamente bondoso, Vilagelin era amigo de todos e, por isso, naquela data, no transcurso da grata efeméride grande seria o cortejo dos que iriam cumprimentá-lo, onde também nós encontraríamos os desta casa de trabalho que tanto o apreciavam.



O bohemio que tinha alma de creança

Gustavo STUART

(Especial para o "DIARIO DO POVO")

Quando me lembro de que tive um bom amigo em Alvaro Villagelim, dóe-me o coração de saudade. Sua extrema singeleza, suas atitudes engraçadas de bohemio incorrigível, foram os laços que mais me prenderam aquella alma nobre e encantadora, que fazia de Villa um motivo amavel de alegria. O Villa, como todo mundo o chamava aqui, possuia o dom divino de se fazer querido. Nunca soube, rigorosamente, que elle tivesse inimigos. Comunicativo, distincto, generoso, Alvaro Villagelim era um homem de afeições sinceras. Cinematographicamente fallando, elle possuia "it". Attrahia.

Morreu, como morrem as creaturas justas. Nunca fez mal a ninguém.

Para que os leitores que me dispensaram a gentileza de me acompanhar até aqui possam ajuizar da excellente creatura que foi Alvaro Villagelim e do seu não menos excellentes coração, eu peço treguas à melancolia que a saudade me provocou para descrever uma passagem verídica e humorística de sua existencia, a qual para muitos possui ainda um sabor desconhecido.

Em sua essencia ella tem excessos de bohemia. Por isso mesmo hervirá para glorificar a alma simples, boa e encantadora do meu inesquecível amigo.

Espirito galhofeiro, bohemio incorrigível, Alvaro Villagelim já-mais quiz dar aos factos a importancia que ás-vezes deveriam ter. Em outras palavras: não ligava...

Convidado, certa occasião, para fazer uma palestra humorística em determinada sociedade, o Villa, no dia marcado para a mesma, deixou-se ficar pachorrentamente sentado à mesa do Bar Cristofani, em companhia de alguns amigos e muitas gorrafas de cerveja. Passaram-se as horas e a palestra humorística prometida pelo Villa passou também...

Soube mais tarde que o não comparecimento do meu saudoso amigo ao festival daquela sociedade deu o que fazer ao illustre e zeloso organizador do programma — um velhote closo de seus deveres e excessivamente austero — pois fôra necessario intercalar no mesmo, à ultima hora, numeros extras que substituissem aquelles que Alvaro Villagelim tinha que apresentar.

O velhote organisador do programma, pelo que ainda soube, es-

sattencioso do nosso inesquecível bohemio; promettendo-lhe dizer muitas e boas assim que o encontrasse, fosse orde fosse.

E, de facto, no dia seguinte, deu-se a catastrophe...

Deparando com Alvaro Villagelim junto ao hoje telephonico estabelecimento do sr. Lalá Guimarães, o velhote vingativo iniciou a tremenda descompostura:



ALVARO VILLAGELIM

— "Sim senhor, seu Villa, que papel decente o seu! Que noção de responsabilidade tem o senhor das cousas! Sim senhor! Deixar-nos "na mão" daquela maneira!

Francamente, fazia melhor juizo de si! Jamais pensei que fosse capaz de acto semelhante. Que desafforo e que cynismo! Si eu soubesse que iriamos contar com um elemento de sua ordem, seria o primeiro a impedir que commettessem a leviandade de o convidar. Então aquillo é papel que se faça? Deixar toda aquella gente á sua espera e o senhor ficar bebendo nos bars?! Fazia melhor conceito do senhor, seriamente! Nunca poderia suppor que o filho de um velho e sempre lembrado amigo meu fosse capaz de semelhante e inqualificavel procedimento! Quero, faço questão mesmo que o senhor saiba que eu, quando moço, jamais deixei de cumprir com os meus deveres sociaes. Sempre me prezei ser um homem digno do meio em que vivo. Se na minha mocidade tivesse commettido a loucura de ser, por um instante sequer, menos cavalheiro do que sou, talvez a estas horas não existisse mais... Isto, porém, é uma questão de caracter, de ascendencia moral, de principios! O seu acto,

que me satisfacem e qualquer desculpa que pretenda me apresentar não atenuará a pessima impressão que o senhor me deixou! E a me ouvindo?"

Alvaro Villagelim ouvia quieto, de olhos baixos, aquella durissima reprimenda, olhando de quando em quando, enternecido, para os cabellos brancos e respeitaveis do seu severissimo aggressor moral.

Quando este deu por terminado o seu interminavel sermão, Villagelim suspirando de allivio e de cansago, com um sorriso contrariado nos labios contrahidos, soltou-lhe esta, de que nunca mais me esquecerei:

— Puxa! O senhor é brabo de verdade! Olhe que não é qualquer um que o aguenta... Mas, quer saber de uma cousa? Eu gosto do senhor assim mesmo..."

E abraçando o velhote, naquella sua attitude galhofeira, deu-lhe um beijo na face enrugada e... desapareceu...

...Eu, que fortuitamente fui testemunha muda desse caso, pude ouvir ainda, do velhote, que se enternecera e já sorria bondosamente do gesto largo de bohemia, grande de alma, generoso de coração, de meu inolvidavel e querido amigo:

— "E' um creança, este Villa!"

Alvaro Villagelim sempre guardou, mesmo, no recondito de seu corpo de homem, uma alma pura, innocente, linda, branca... de creança!

Larga-me...
Deixa-me gritar!



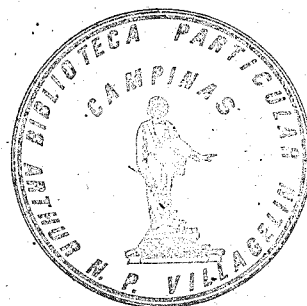
XAROPE
S. JOÃO

E' o melhor para a tosse e doenças do peito. Combate as constipações, resfriados, coqueluche, bronchite e asthma.

O Xarope São João protege e fortifica a garganta, os bronchios e os pulmões. Milhares de curas assombrosas!

PARA
ECZEMAS
E FERIDAS CHRONICAS
Farmada São Paulo

RUA ALVARO VILLAGELIN

**ALVARO VILLAGELIN — O MOÇO DE CORAÇÃO ABERTO E DESPREOCCUPADO**

Na nossa ronda pela cidade dos mortos, levando na mente o objetivo desta reportagem que não agasalha senão a intenção de homenagear a memória dos que aqui viveram e partiram um dia colhidos pelo juízo final a que também, fatalmente, scremos chamados, encontramos diante do tumulo desse moço de coração aberto e despreocupado, que foi Alvaro Vilagelin. Espirituoso, poeta de impressionante sensibilidade, jornalista ativo, Alvaro Vilagelin, sem ser irreverente, sem nunca ter deixado de ser bom e humano, figurava entre as criaturas boemias e espiritualmente livres da sua época. Para ele, que daqui se foi em plena mocidade, erguemos, neste instante, a prece que trazemos perenemente na memória, em louvor aos bons.

(Extraído da reportagem "Eles Vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", de autoria do jornalista Santos Junior, estampada na edição nº 7356 do jornal "Correio Popular" de Campinas de 02-novembro-1952)